

Ruy — A Águia de Haia

MARIA DE LOURDES LIMA MODIANO

“L'opposition fait toujours la gloire d'un pays. Les plus grands hommes d'une nation sont souvent ceux qu'elle met à mort”. (E. Renan — “Vie de Jésus”).

SÓ conheço entre os homens duas raças — escreveu certa vez Romain Rolland: a dos espíritos em ascensão para a luz — ciência, beleza, amor à humanidade, progresso em comum — e a dos espíritos em decadência — trevas, ignorância, apatia, preconceitos fanáticos e brutalidade.

E' entre os primeiros que vamos encontrar Ruy Barbosa. E não somente o vamos encontrar, mas vamos vê-lo bem alto, em ação, em luta constante e tenaz contra as forças opressoras da ignorância, da apatia, dos preconceitos fanáticos e da brutalidade. Sábio e artista, como o qualificou João Ribeiro, jurista, tribuno, jornalista, poliglota, humanista, filósofo, filólogo, político, escritor, bem poderia êle dizer como disse Victor Hugo:

“Tout souffle, tout rayon, ou propice ou fatal,
Fait reluire et vibrer mon âme de cristal
Mon âme aux mille voix, que le Dieu que j'adore
Mît au centre du monde comme un écho sonore”.

E foi essa alma, êsse espírito de mil facêtas rutilantes como um diamante sem jaça, onde se refletia e fulgurava tudo quanto é justo, belo, grandioso, liberal e humano, que o destino reservara para ir revelar ao Velho Mundo que a jovem América Latina, representada pelo Brasil, já tinha uma voz que precisava ser ouvida, uma voz que se ia impor entre “os sete sábios” da época.

Foi no alvorecer do nosso século, em 1907. Beirava Ruy a casa dos sessenta. Sua pequena estatura, suas maneiras retraídas, seu corpo mirrado, seu físico insignificante, em nada revelavam, à primeira vista, o espírito de gigante que ali se abrigava. Somente o olhar penetrante, sob o inseparável “pince-nez”, a fronte imensa e pensadora, que a calvície ainda mais acentuava, desvendavam ao observador mais atento a personalidade hercúlea do maior dos brasileiros. As intermináveis vigílias de estudo e labor a que se habituara desde a adolescência, as lides jornalísticas, as lutas políticas e, sobretudo, a incompreensão dos homens, haviam-lhe aquebrantado o físico sem, porém, nem de leve, vergar-lhe a têmpera de aço. “Estou velho e doente — dizia êle em 1906 — e conquanto ainda se não me apagasse de todo o fogo sagrado, isto é, o entusiasmo e a esperança, já não assumo iniciativas, nem me exponho a temeridades”.

Foi nesse estado de espírito que o encontrou Rio Branco, ao convidá-lo para chefiar a Delegação Brasileira na 2.^a Conferência da Paz

na Haia, em 1907. A escolha do seu nome não fôra, pode-se dizer, um gesto espontâneo do governo Afonso Pena. Fôra, como ainda há pouco acentuou o ilustre acadêmico Pedro Calmon, o resultado do “clamor público que para ela (aquela missão) o indicara quase numa imposição ao Governo e ao Congresso”. E é o próprio Ruy quem nos relata o fato: “Ora vejamos — escreveu êle em 1914, em sua famosa “Carta à Nação” — por quem, por que e por que modo fui eu a Haia. Quem primeiro, se não me engano se lembrou de me indicar para essa missão, foi o “Correio da Manhã”. Depois, ao que, naqueles dias, me constou, quem sugeriu ao Conselheiro Afonso Pena essa escolha, foi o Sr. Antônio Azevedo, e ouvi também que o Sr. Pinheiro Machado. Abraçada a idéia pelo Presidente e pelo Barão do Rio Branco, seu Ministro, foi êste em pessoa à minha casa, no Largo D. Afonso, em Petrópolis, convidar-me, em nome do Chefe do Estado, para essa alta comissão”. (1)

Quarenta e oito nações, representadas pelos seus mais lídimos valores — homens afeitos aos debates políticos no plano internacional — iam participar do importante conclave. Pela primeira vez as Repúblicas Latino-Americanas eram chamadas a tomar assento no colégio das Nações, para debater os problemas políticos do interesse da humanidade. Lá estariam tôdas as grandes potências — a França, a Alemanha, a Rússia, os Estados Unidos, a Grã-Bretanha. Por trás de seus delegados que iriam falar em nome de milhões de homens, alinhavam-se as fileiras dos seus poderosos exércitos. O Brasil, mal saído da adolescência, quase sem Marinha e com um Exército mal aparelhado, só poderia contar com a potência do verbo do seu representante.

Suas armas? — “J'ai la haine du mal et j'ai l'amour du juste” — poderia responder Ruy ainda com o grande Hugo.

Seis semanas levou Ruy para decidir-se a aceitar a incumbência que lhe era oferecida. Media a responsabilidade que ia assumir. E aquêlê gênio, por tantos acusado de fátuo e vaidoso assim confessava, sete anos mais tarde, a pouca confiança no próprio valor: “... não me convencera de que reunisse em mim as condições necessárias

(1) Ruy Barbosa — Correspondência coligida, revista e anotada por Homero Pires — Livraria Acadêmica — S. Paulo, 1932 — pág. 293.

ao desempenho de uma comissão tão espinhosa. Tremia ao risco de não corresponder à confiança e à expectativa, que a eleição do meu nome exprimia, e debaixo dessa pressão embarquei, impressionando, pela minha tristeza, a quantos me cercavam na despedida. Debaixo dela me aproximei de Haia. Debaixo dela encarei as primeiras dificuldades em que ali me vi, até em familiarizar com o meu pôsto e ver aclarado o meu horizonte com as primeiras mostras de felicidade nesses trabalhos”.

Anuiu, finalmente, às instâncias prementes que lhe faziam. “O nosso preclaro Chanceler teve que tornar à minha casa, mais de uma vez, instando por uma decisão favorável, a que não cheguei senão com *quarenta e dois dias* de repugnâncias e receios” — escreveu, relatando os antecedentes da missão que o levaria à glória e que tão alto ergueria o nome do Brasil.

Na Haia, no plano internacional, sua atitude foi a que sempre manteve no cenário político brasileiro. Altivo, humano, seguro de suas convicções democráticas alicerçadas na profundidade de sua erudição, defensor dos fracos e oprimidos, “o homenzinho franzino, de fraque cinzento”, como o descreveu um repórter da época na Haia, a todos surpreendeu e empolgou com seu saber, sua palavra fluente, sua fé inquebrantável nos ideais da fraternidade universal.

Na Conferência da Paz, foi o mesmo incansável advogado dos pequeninos, foi o mesmo que já desde menino se rebelava contra a opressão do forte sobre o fraco, erigindo-se em defensor dos escravos.

Para ele não havia interesses imediatos. Seu olhar de águia sempre alcançou muito longe, muito além do horizonte limitado do comum dos mortais. Na Conferência da Haia, como em toda a sua vida de homem público, não se deixou seduzir por uma fácil vitória. Preferiu bater-se pelo ideal que concebera. Tal como na Pátria distante, também na Haia não foi bem compreendido. E Rodrigo Otávio, ao relembrar os incidentes da memorável missão do grande brasileiro, relata as palavras de Bourgeois, estranhando a atitude de Ruy: “esse homem extraordinário que deve ter uma larga visão patriótica, não sei se aqui se colocou no ponto de vista dos interesses reais do seu País. Com um pouco de diplomacia de sua parte, ter-se-ia alcançado uma fórmula pela qual o Brasil, tão rico e tão grande sob tantos aspectos, pudesse encontrar situação permanente no Tribunal de Justiça Internacional, e se engrandecer, como Estado, dentro da organização política do mundo. Ele defendeu *intransigentemente* o princípio da absoluta igualdade jurídica dos Estados, arrebanhou prosélitos e *venceu*. Pois bem, o Brasil poderia ter saído desta Conferência o *igual* da França, o *igual* da Inglaterra, o *igual* dos Estados Unidos. Ruy Barbosa empregou o melhor do seu esforço e os tesouros do seu saber para conseguir que dela saia o Brasil o *igual* de Nicarágua, o *igual* de Honduras, o *igual* de Sião”.

Mas, como disse João Mangabeira, outra tivesse sido a sua atitude, e Ruy não teria sido um

“homem extraordinário” como o qualificara Bourgeois. Para ele, como para Romain Rolland, a Pátria era antes de tudo a humanidade livre.

Sua atividade na Conferência a todos assombrou. Fêz parte de todas as comissões, estudou todos os pareceres, acompanhou todos os debates, de todos participou. Sua eloquência inesgotável, a segurança dos seus conhecimentos jurídicos, o fácil manejo da palavra em idiomas estrangeiros, permitindo-lhe a verdadeira torrente oratória com que esmagava a assembléia, fizeram dêle a figura central do magno conclave. E toda essa força, todo esse prestígio, todo esse tesouro de eloquência, Ruy os colocou ao serviço das pequenas nações. E venceu.

Nessa linha de conduta sua primeira vitória foi na discussão da forma de cobrança das dívidas dos países. A idéia aceita e defendida pelas grandes potências era de que as mesmas poderiam ser cobradas pela força. Contra isso insurgiu-se Ruy. Dêle foi a primeira voz que se levantou em protesto veemente. E em torno dêle se arremeteram as pequenas potências, em torno dêle formaram os países da América.

Seu incidente com Martens, de início tão mal interpretado pela imprensa mundial, inclusive pelo “Times” de Londres, despertando-lhe a índole combativa foi a oportunidade para que se lhe abrissem as comportas e se desencadeasse a torrente impetuosa e esmagadora da sua eloquência. A tribuna sempre fôra sua arena predileta de combate. Estava êle no seu elemento. Daí em diante nada mais o pôde deter. Sua palavra candente, ora em inglês, ora em francês, derramava-se em verdadeiras cascatas, flamejava, rutilava, sobre a assembléia atônita diante daquela revelação. Sua resposta, em improviso, a Choate, representante norte-americano, grande orador, nada ficou a dever ao brilho do adversário que levava vantagem de falar no idioma pátrio.

Tal foi o prestígio que conquistou que, ao constituir-se a Primeira Comissão, a subcomissão chamada dos “sete sábios”, ficou ela composta dos representantes dos Estados Unidos, França, Alemanha, Áustria, Rússia, Itália, Brasil. “Vêde bem — comenta João Mangabeira — nela não figuravam o Japão e a Inglaterra”.

Mas a sua grande batalha foi a que travou pela igualdade jurídica das nações. Não podia conceber que se organizasse a Côrte Permanente se não tomando por base a soberania dos Estados, representados com igualdade. Toda e qualquer outra organização se lhe afigurava “arbitrária, falsa e destinada a encontrar resistências insuperáveis”.

Bateu-se pelo estabelecimento de uma proporcionalidade aproximativamente exata na partilha. Na Côrte Permanente, dizia, vinte e um lugares devia haver, e não dezessete como planejado. Quinze dessas cadeiras se destinariam aos quinze países existentes, cuja população, incluída a das respectivas colônias, fôsse de mais de dez milhões de habitantes, ou sejam: Alemanha, Inglaterra, Áustria, Brasil, China, Espanha, Estados

Unidos, França, Itália, Japão, México, Holanda, Portugal, Rússia, Turquia.

Para os demais, propunha o sistema de rotação, consagrado no projeto americano, substituindo, porém, o período de seis pelo de dez anos.

Assim, a Bélgica e a Pérsia dariam um juiz por oito anos. A Argentina, o Chile, a Rumânia, a Suécia e a Suíça, um juiz por cinco anos; A Bulgária, a Colômbia, a Dinamarca, a Grécia, o Peru, a Sérvia, um por três anos e, finalmente, a Bolívia, Cuba, Equador, Guatemala, Paraguai, Salvador, Uruguai, Venezuela, um por um ano.

As outras repúblicas americanas se fariam representar, dizia, juntando-se em um grupo, a fim de nomear um árbitro pelo espaço de um ano. O Luxemburgo e o Montenegro ficariam na mesma condição.

Esse alvitre era apenas, como êle próprio confessava, um *pis-aller*, "para o caso de prevalecer o sistema de representação permanente de todos os Estados, considerados como soberanias iguais e independentes". Era uma concessão que fazia, pois ao menos assim, escreveu, "se não ressentiria de tanta injustiça, nem imporia tamanhas desigualdades, quanto o que, reduzindo a dezessete membros a nova Côrte de Arbitramento, não poderia admitir a ela os diferentes Estados, senão criando equiparações excessivamente injustas, como a de que seria objeto o Brasil".

Ruy venceu. A sua vitória foi a vitória do Brasil. E, como disse Lapradelle, "àquele mo-

mento a Europa ignorante aprendeu a conhecer, num dos seus mais nobres exemplos, a ciência e a eloquência do Brasil".

* * *

Os anos passaram... Pouco mais de um lustro — 1914 — e já a Europa se afogava em sangue, vítima do imperialismo militar germânico. Cessado o morticínio, sôbre as cinzas ainda quentes de milhões de seres humanos sacrificados ao capricho dos grandes, voltam a se reunir os "sábios". O Brasil é chamado a tomar assento em Versalhes. O povo brasileiro, como da primeira vez, exigia a figura de Ruy na chefia da Delegação. Desta feita, porém, muito tardou a ser ouvido o clamor popular e sômente à última hora foi-lhe feito o convite para representar o Brasil. Não aceitou. A ingratidão do Govêrno feria-lhe o brio. Mas a Europa não esquecera aquêle que tanto brilhara na Conferência da Haia. E a sua ausência foi comentada com estranheza.

Ruy ainda viveu para ver o fracasso da Conferência de Versalhes, ainda viveu para ver os primórdios do fascismo. Em 1923, ao fechar os olhos cansados, já se avolumavam sôbre o mundo as nuvens negras, prenúncio da tempestade que se ia desencadear sôbre a humanidade para a qual êle desejara uma vida de paz, igualdade e fraternidade.

* * *

"A ressalva *enquanto bem servir*, das leis brasileiras, corresponde exatamente à que as leis inglêsas e americanas enunciam nas expressões tradicionais *during good behaviour*. Portanto, essas duas cláusulas encerram, para os funcionários públicos, lá e cá, o mesmo sistema de proteção, e formulam a mesma garantia". Ruy, *Demissão de curador geral de órfãos*, Rio, 1916, págs. 39 e 40.

* * *

"Entre nós, por via de regra, nos contentamos do que nos contam livros peregrinos, quando não raro a lição ulterior da nossa aprendizagem no domínio dos fatos nos vem patentear que outras seriam as conclusões, se tivéssemos contrastado com os exemplos de casa os juízos e doutrinas de além-mar". Ruy, *A Imprensa*, tomo III, pág. 62.

* * *

"Acreditou que o subôrno envilece tanto a mão que o paga, como a que o recebe". Ruy, *Cartas de Inglaterra*, ed. de 1946, pág. 201.